



CIRCUITOS TEMÁTICOS

# A Herança Medieval

## “A Herança Medieval”

A História de Óbidos carece de informação fidedigna quanto às suas origens, à semelhança do que acontece noutras locais. Apesar de algumas referências em documentos de cronologias muito posteriores, apenas as descobertas arqueológicas demonstraram factualmente várias fases de ocupação no concelho, como a que remonta ao Calcolítico, no Outeiro da Assenta.

A origem do povoado de Óbidos, enquanto fundação de Celtas e Túrdulos, no ano de 308 a.C., não tem dados arqueológicos a sustentá-la, apesar de se encontrar profundamente enraizada na historiografia tradicional. O período romano encontra-se melhor caracterizado, devido às escavações arqueológicas do que se suspeita ser a cidade romana de Eburobritium, descrita por Plínio como estando localizada entre Collipo (Leiria) e Olissipo (Lisboa). Desde 1994 foram identificadas várias estruturas que retratam o programa construtivo típico de uma cidade romana, tais como o Fórum e as termas públicas. A localização mais interior deste núcleo populacional não implica um armamento do local onde hoje se encontra Óbidos, porque ambos os locais estão próximos e, principalmente, devido à importância estratégica da orografia do local. Este é um dos argumentos decisivos para todos aqueles que defendem uma ocupação continuada do maciço rochoso da

actual vila. Mesmo que não tenha acontecido como povoado, não podemos descurar a existência de atalaias de vigilância ou de sistemas defensivos mais elaborados, principalmente se atendermos ao facto de a lagoa se encontrar bem perto da actual vila até ao final do período medieval. As datações propostas para Eburobritium encontram-se balizadas entre o último

decénio do século I a.C. (período de Augusto) até ao século V d.C.. A entrada na Idade Média poderá ter desencadeado maiores preocupações defensivas, levando à procura da protecção que o terreno elevado de Óbidos oferecia. A presença visigótica, apesar do silêncio coevo, certamente aconteceu e sobre ela se estabeleceram os muçulmanos, entrados



Porta da Talhada

na Península em 711. A presença muçulmana é difícil de definir de forma factual, resumindo-se a abordagens, mais ou menos comparativas. Alguns autores identificam uma matriz muçulmana no planeamento urbano da vila, no seu traçado sinuoso, no encerramento do espaço privado e na sua conquista ao espaço público. Mais sólido é o conhecimento

lagoa e libertar o perímetro muralhado (à época resumia-se à alcáçova muito inferior ao actual). Aí se manteve um núcleo populacional até ao séc. XVI, ocasião em que se terá deslocado para o interior da muralha ou para o arrabalde oposto. Aventam-se várias hipóteses para esta deslocalização, como a série de sismos que assolou Portugal no séc. XVI

focos simultâneos, um primeiro com as manobras dilatórias de D. Afonso Henriques e um outro na Porta da Traição, por onde terá entrado Gonçalo Mendes da Maia. Depois da conquista de Óbidos estava concluído um conjunto de conquistas que expulsaram o poder islâmico da Estremadura, dando sequência à conquista de

coutos de Alcobaça, em 1153. Neste domínio não seria diferente de largas áreas abaixo do Mondego, para as quais D. Afonso Henriques procurou encontrar solução gerando movimentos de povoadores para a sua ocupação, para além das conhecidas instalações de comunidades monásticas. Óbidos foi um caso interessante também

No entanto, a importância estratégica da vila manteve-se viva de várias formas, quer em termos militares, quer em termos administrativos com o encontro e confronto das instituições municipais e reais. Nos séculos XIV e XV a administração municipal estava entregue aos juizes e alvazis, podendo ainda ser reunida a assembleia municipal em casos de

referente a uma organização institucional não dilui as dificuldades em provar a sua existência nesses moldes no período medieval. No entanto, a relação da vila com as rainhas está documentada desde que D. Afonso II, por escritura de 7 de Dezembro de 1210, a doou à rainha D. Urraca. Outras rainhas se sucederam e as obras decorrentes do estatuto



da existência de uma comunidade moçárabe, no Mocharro, junto ao templo, hoje denominado de Nossa Senhora do Carmo, que inclusivamente teria o seu rossio onde as trocas comerciais seriam efectuadas (Silva MS, 1994, pp. 17-33). Faz assim sentido a afirmação de Pedro Gomes Barbosa ao referir que as comunidades moçárabes se teriam concentrado “nos termos de Torres Vedras e possivelmente de Óbidos” (Barbosa P, 1992, p. 62), os núcleos populacionais mais fortes da Estremadura Central. A colocação no exterior da muralha permitia-lhes estar mais perto da

(principalmente o de 1531 que causou grandes danos em Óbidos), o abandono da judiaria que passou a Rua Nova no interior da vila e o recuo da lagoa (Silva MS, 1994, pp. 17-33). A conquista de Óbidos por D. Afonso Henriques, em 11 de Janeiro de 1148, está envolta em múltiplas lendas, sendo difícil de definir factualmente locais de quebra da resistência ou outras características da campanha que envolveu. Seguindo a tradição, terá sido Gonçalo Mendes da Maia *O Lidador* quem quebrou a resistência muçulmana. A operação, de grande simplicidade, desenvolveu-se em dois

Santarém, Lisboa e Torres Vedras<sup>1</sup>. Nos anos subsequentes à reconquista cristã, Óbidos era um termo de grandes dimensões, com bons solos agrícolas e uma lagoa rica para a pesca, mas de fraca densidade populacional, algo que nos é revelado pela carta de doação dos

neste domínio, pois, apesar de, numa primeira fase, ter contado com a protecção de Santa Cruz de Coimbra, nem por isso deixou de assistir à diminuição do seu termo a norte com os Coutos do Mosteiro de Alcobaça e com a atribuição de terrenos a francos na Atouguia da Baleia.

extrema gravidade<sup>2</sup>. Como Óbidos, na Primeira Dinastia, granjeou e usufruiu do estatuto de Vila das Rainhas, para além dos funcionários do Rei, havia também funcionários que se encontravam ao serviço dessas mesmas rainhas. O uso da designação “Casa das Rainhas” como

sucederam-se. D. Isabel recebe a doação da vila depois do casamento com D. Dinis. A esta rainha está atribuída a construção da capela de São Vicente (actual igreja de São João Baptista), da gafaria e do convento das Donas de São Domingos, em 1309, de acordo com a tradição.

1 - O facto de D. Afonso Henriques, depois da conquista de Leiria, colocar como prioridade a conquista de Santarém para o assalto a Lisboa, fazendo depois uma nova incursão a Norte para conquistar Torres Vedras e Óbidos, deverá refrear os ímpetos vangloriadores das historiografias

locais no que concerne à batalha que aqui se terá travado. Perante o arco cristão Leiria, Santarém, Lisboa, torna-se difícil de justificar uma feroz resistência muçulmana em Óbidos. Trata-se de um campo a carecer de investigação científica que permita avaliar a autenticidade do apoio que o

alcaide muçulmano de Óbidos terá tentado prestar a Lisboa aquando da ameaça do cerco cristão.  
2 - As decisões mais importantes para a vila e seu termo, como as tomadas de posição em conflitos militares, encontram-se descritas nas *Memórias Históricas*

como fruto de debate nestas assembleias. Poderá ter sido o caso do apoio a D. Sancho II, em detrimento de D. Afonso, futuro D. Afonso III. Este último rei irá mesmo conceder à vila o título de Mui Nobre e Sempre Leal pela firmeza da defesa do monarca anterior.



Mais paradoxal é a ligação de D. Leonor com a vila. À rainha deve-se o considerável enriquecimento do seu património artístico, através da campanha de obras da igreja de Santa Maria, na transição do séc. XV para XVI e a fundação da Misericórdia de Óbidos. A vila foi o local escolhido pela rainha para chorar a morte do seu filho, D. Afonso. Para além disso, deve-se a D. Leonor a construção do Hospital Termal das Caldas da Rainha e, conseqüentemente, da vila que o rodeou.

#### COMO SERIAM AS CASAS EM ÓBIDOS NA IDADE MÉDIA?

Este é um exercício de alto risco em virtude dos poucos testemunhos que a História nos deixou. No entanto, socorremo-nos de alguns estudos efectuados por diversos investigadores, que começam por nos demonstrar que a tipologia das casas medievais só começa a ser possível de identificar nos finais da Idade Média.

As casas seriam de piso térreo, na sua grande maioria, e, eventualmente, com um piso superior, geralmente acrescentado ao longo da vida do proprietário. A construção em altura existia nas grandes urbes, sendo rara nas povoações de menor dimensão. Em Lisboa, a partir dos séculos XV e XVI, generaliza-se nos bairros mais valorizados. Em Óbidos o programa de construção seria o de piso térreo ou dois pisos e as habitações teriam

#### CURIOSIDADES DA ÓBIDOS MEDIEVAL

*... D. João I quando partiu de Torres Vedras para as Cortes de Coimbra passou pelo Cadaval, Óbidos e Alcobça com uma multidão e seiscentas lanças num percurso lento e de trabalhosas jornadas.*

*... D. João I, numa das suas estadas em Óbidos, em 12 de Agosto de 1422, mudou a era de César (38 a.C.) para a era de Cristo.*

*... os topónimos terminados em RIZ poderão ter uma origem Sueva. Será que (Nossa Senhora) Aboboriz terá a mesma origem?*

*... no largo de São Pedro foi criada, no século XIV, a capela de São Luís de França.*

*... A comunidade moçárabe (cristãos sobre domínio árabe) de Óbidos estava instalada na encosta junto à Várzea da Rainha.*

*... em 1245 Óbidos esteve cercada pelas tropas de D. Afonso Conde de Bolonha, futuro D. Afonso III, devido à vila se ter mantido fiel ao rei D. Sancho II.*

*... é de 1296 a primeira referência documental à Rua, possivelmente a actual Rua Direita.*



Casa do Arco da Cadeia



Castelo



Torre D. Sancho



Cerca

uma área média de cerca de 40 metros quadrados (Silva, MS. 1997, p. 105). A compartimentação do espaço interior era reduzida, o que revela a sua exiguidade. O piso térreo, quando virado para a rua, albergava o espaço comercial na frente e uma câmara ou quarto na parte anterior. O número máximo de divisões, em casas de dois pisos, rondaria as quatro, o que permitia uma distribuição do espaço muito menos claustrofóbica. Pelo contrário, as casas de apenas um piso, com pouca ou nenhuma compartimentação, faziam da soleira da porta o *sofá da sala*, que era a rua! A cozinha era um privilégio, como tal

não era generalizada, isso só parece acontecer nos finais do século XV (Serra, JB. 2005, p. 143).



Portal da Rua das Colegiadas

### CURIOSIDADES DA ÓBIDOS MEDIEVAL

*... no interior do castelo a rainha D. Isabel fundou, no século XIV, o convento das Donas de S. Domingos ou as Emparedadas?*

*... em 1336 nasceu, em Óbidos, D. João de Ornelas que virá a ser Abade de Alcobaça e um dos principais apoiantes da causa do Mestre de Avis.*

*... a 15 de Agosto de 1441 aconteceram em Óbidos os esponsais do infante D. Afonso, futuro D. Afonso V, então com dez anos, com D. Isabel, de oito anos, na Igreja de Santa Maria.*

*... as descobertas de portais em alguns edifícios da Rua Direita poderão revelar que o traçado medieval dessa rua seria bem mais sinuoso do que o actual.*

*... o rei D. Fernando terá mandado construir um passadiço do Castelo para a Igreja de São Tiago para a rainha D. Leonor Teles poder assistir aos ofícios.*

*... em meados do século XV havia um pazeiro em Óbidos para cuidar do Paço da Rainha e do Paço do Rei.*

### A HERANÇA MEDIEVAL

Localização	Saiba que...	E ainda...
<b>Turismo – Igreja de São João Baptista</b>	Onde hoje se encontra o Museu Paroquial foi na Idade Média um hospital dos gafos (leprosos).	Até meados do século XVII denominava-se Capela de São Vicente e terá sido criada em 1309 pela Rainha Santa Isabel.
<b>Porta da Vila</b>	Porta dupla ou em cotovelo	... construída aquando da extensão das muralhas por ordem do rei D. Fernando.
<b>Largo de São Pedro</b>	Ermida de São Martinho. Capela tumular do século XIV.	Resistiu a todos os terramotos e é o único dos templos religiosos que mantém a sua feição medieval.
	Igreja de S. Pedro	Fundada no século XII ou XIII foi completamente destruída por sucessivos sismos. Vestígio do primitivo pórtico.
	Capela de São Luís Rei de França	Destruída. Não encontramos nenhum vestígio no presente. Fundada em 1339 por Joane Anes Paio Cordeiro.
<b>Largo de Santa Maria</b>	Praça de Santa Maria	Os trabalhos que permitiram a configuração renascentista começaram no século XIV e XV.
<b>Rua Nova</b>	Mouraria/Judiaria	Data provável da fundação da sinagoga em 1333.
<b>Igreja de São Tiago</b>	Mesquita	Seria aqui a antiga mesquita? Foi uma das mais importantes igrejas medievais da vila. Destruída pelo sismo de 1755.
<b>Cerca Velha</b>	Torre de Menagem	Mandada construir ou reconstruir por D. Fernando.
	Casa do Pazeiro	Na Idade Média existia um pazeiro para tratar do Paço da Rainha e do Paço do Rei.
	Convento de S. Domingos	Criado no século XIV, pela rainha D. Isabel, para albergar as <i>Donas Emparedadas</i> .
	Capela do Senhor Jesus dos Milagres	Criado na mesma época do convento e pela mesma rainha.
<b>Igreja do Mocharro</b>	Templo romano dedicado a Júpiter	A possível origem romana está referida na obra <i>Memórias Históricas</i> .
	Povoado primitivo	Moçárabes que viveram sobre o poder mouro. Definitivamente abandonado no século XVII.
<b>Postigo do Jogo da Bola</b>	Linha de muralhas junto a S. Pedro	
<b>Rua Direita</b>	Alinhamento medieval da rua	Em 1296 surge a primeira referência à rua.

As casas eram construídas de uma forma desorganizada com alçados e cêrceas salientes e recuadas, sem uniformidade. O espaço público era muitas vezes tomado de assalto com a construção de passadiços e balcões que forneciam precioso espaço interior. As ruas tornavam-se estreitas e, devido aos materiais de construção utilizados, era real o perigo de incêndios. A qualidade das casas, à semelhança do que se passa

actualmente, dependia da capacidade financeira dos seus proprietários. A cantaria era usada nas grandes obras como castelos, edifícios religiosos e palácios. As habitações comuns seriam de alvenaria e de madeira. Os telhados poderiam ser em telha vã de meia cana ou seguindo a tradição romana. Anexados a algumas habitações estavam os quintais, verdadeiros tesouros intramuros, que permitiam a cultura de

pequenas hortas, a criação de animais de capoeira, com um importante reflexo na dieta alimentar das populações. Para além disso ajudavam a resolver uma questão igualmente prática... o que fazer com os despejos domésticos. Seriam assim as habitações de Óbidos? Talvez. Os factos apresentados reportam-se a estudos sobre a vila e, essencialmente, sobre conjuntos de construções de Lisboa.



## BIBLIOGRAFIA

- SERRA, Joaquim Bastos. As mutações urbanas na Lisboa dos finais da Idade Média. O património da Colegiada de Santo Estêvão de Alfama. In *A Nova Lisboa Medieval*. Coord. Núcleo Científico de Estudos Medievais – FCSH-UNL, Edições Colibri: Lisboa, 2002.
- BOTELHO, Joaquim da Silveira. Óbidos Vila Museu. Câmara Municipal de Óbidos: 2.ª edição, 1996.
- Memórias Históricas... Câmara Municipal de Óbidos: edição de 2001.
- CÂMARA, Teresa Bettencourt. Óbidos - Arquitectura e Urbanismo. Séculos XVI e XVII. Câmara Municipal de Óbidos e Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Estudos Gerais, Série Universitária.
- MOREIRA, José Bezeza. Cidade Romana de Ebuobrittium. Coleção Ciência - Arqueologia. Edição Mimesis, Porto, 2002.
- GORJÃO, Sérgio. O Foral Manuelino de Óbidos. Câmara Municipal de Óbidos: 1999.
- BARBOSA, Pedro Gomes. Povoamento e Estrutura Agrícola na Estremadura Central. Coleção História Medieval - 6, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa: 1992.
- GORJÃO, Sérgio. Museu Municipal de Óbidos - Catálogo. Câmara Municipal de Óbidos: 2000.
- Vários autores, coord. PESTANA, Bernardina. Linha do Oeste - Óbidos e Monumentos Artísticos Circundantes. Assírio e Alvim.
- Associação de Defesa do Património do Concelho de Óbidos e Câmara Municipal de Óbidos. Descobrir Óbidos.
- GONÇALVES, Iria. O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989.
- COELHO, Maria Helena da Cruz. D. João I. Coleção Reis de Portugal, Círculo de Leitores: 2005.
- MONTEIRO, João Gouveia. Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PAULO, Jorge de S. História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas. Escrito em 1656 e editado em 1928. Disponível no Museu Termal das Caldas da Rainha.
- FONSECA, Luís Adão da. D. João II. Coleção Reis de Portugal, Círculo de Leitores.
- PEREIRA, Paulo. Enigmas - Lugares Mágicos de Portugal. Espírito da Terra. Volume VII. Círculo de Leitores.
- SILVA, Manuela Santos. Óbidos Medieval. Cascais, 1997.
- SILVA, Manuela Santos. A região de Óbidos na época medieval. Coleção PH-Estudos e Documentos. Caldas da Rainha: 1994

## CIRCUITOS TEMÁTICOS

Óbidos como Experiência de Conhecimento. É esta a nossa proposta baseada numa relação de troca entre quem comenta os circuitos e quem deles desfruta. O nosso princípio também é claro, gostaríamos que cada visita representasse um ponto de partida para que procure conhecer melhor a vila em todas as componentes da sua história. Por tudo isto apostámos em formatos informativos ligeiramente diferentes do habitual, com mais texto e mais imagens, tentando fomentar a sua curiosidade, apenas com aquilo que Óbidos tem de melhor. Pequenos passos pelas estreitas ruas da vila irão revelar séculos de enriquecimento artístico, de transformação da vila, de protecção régia, de devoção religiosa e de vivências quotidianas, que transformaram Óbidos nesta experiência única.

## CIRCUITOS DISPONÍVEIS

- RAINHAS E OUTRAS SENHORAS
- AMBIENTE HISTÓRICO DE ÓBIDOS
- NO CURSO DAS ÁGUAS
- ÀS ARMAS EM ÓBIDOS
- O AZULEJO EM ÓBIDOS
- A HERANÇA MEDIEVAL
- PINTURA ANTIGA EM ÓBIDOS
- O BARROCO JOANINO DO SANTUÁRIO SENHOR JESUS DA PEDRA

## INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES:

T. 262 955 561

E-mail: [obidospatrimonium@cm-obidos.pt](mailto:obidospatrimonium@cm-obidos.pt)

[www.cm-obidos.pt](http://www.cm-obidos.pt)

Projecto co-financiado pela União Europeia

